

O impacto da prática da automedicação no Brasil: Revisão Sistemática

The impact of the practice of self-medication in Brazil: Systematic Review

DOI:10.34115/basrv5n3-016

Recebimento dos originais: 06/05/2021

Aceitação para publicação: 14/06/2021

Francisca das Chagas G. Ferreira

Bacharel em farmácia, do Curso de Farmácia do Centro Universitário FAMETRO

Graziela Gomes de Luna

Bacharel em farmácia, do Curso de Farmácia do Centro Universitário FAMETRO

Isabel Cristina M. Izel

Bacharel em farmácia, do Curso de Farmácia do Centro Universitário FAMETRO

isabel.marizeiro@hotmail.com

Anne Cristine Gomes de Almeida Orientadora

Farmacêutica, docente do Curso de Farmácia do Centro Universitário FAMETRO

Instituição: Centro Universitário Fametro

Endereço: Endereço: Av. Constantino Nery, 1937 - Chapada, Manaus - AM, 69050-000

E-mail: anne.almeida@fametro.edu.br

RESUMO

INTRODUÇÃO: A automedicação exibe potencial de risco nas interações medicamentosas, reações adversas, toxicidade, provocando um diagnóstico incorreto ou tardio, devido ao fármaco mascarar a patologia, resultando em uma resistência ao micro-organismo ou não resolução no quadro clínico dos pacientes. **OBJETIVO:** Objetivo do estudo é verificar quais os medicamentos mais utilizados na automedicação e analisar quais os fatores que levam a automedicação. **MÉTODOS:** Os estudos foram pesquisados nas seguintes bases de dados: Scielo (Scientific Electronic Library Online), Pubmed (Biblioteca Nacional de Medicina), Lilacs (Literatura Latina – Americana e do Caribe em ciência da saúde), utilizando as palavras chaves da estratégia de busca para encontrar os artigos. **RESULTADOS:** Neste estudo a prevalência da automedicação foi vista no público feminino com 64%, com idade acima de 60 anos, seguida por pessoas casadas com 51,6%, com nível escolar fundamental completo 53,8%, possuindo renda de até três salários mínimos 46%. Os medicamentos analgésicos/ antitérmicos representaram 50% do uso, seguido por 35% de anti-inflamatórios não esteroidais, 4% antibacterianos de uso sistêmico e 4% dos medicamentos antigripais. Entre os fatores da automedicação os receituários antigos representam 13% das compras dos medicamentos, seguida por experiência anterior com o medicamento 12%, venda realizada no balcão da farmácia 12%, indicação da família 10% e entre outras causas. **CONCLUSÕES:** Observou-se que a prática da automedicação na população brasileira teve a influência dos seguintes fatores: prescrição de receituários antigos, experiência do uso do medicamento e recomendações

dos balconistas. Medicamentos analgésicos/antitérmicos, antiinflamatórios AINES e antibacterianos de uso sistêmico são os mais utilizados.

Palavras-Chave: “Automedicação e Medicamentos”, “Automedicação e Reações adversas”, “Fatores e Automedicação” e “Farmacoterapia e Automedicação”.

ABSTRACT

INTRODUCTION: Self-medication shows potential risk in drug interactions, adverse reactions, toxicity, causing an incorrect or late diagnosis, due to the drug masking the pathology, resulting in resistance to the microorganism or non-resolution in the clinical picture of the patient.**OBJECTIVE:** The objective of the study is to verify which drugs are most used in self-medication and to analyze which factors lead to self-medication.

METHODS: The studies were searched in the following databases: Scielo (Scientific Electronic Library Online), Pubmed (National Library of Medicine), Lilacs (Latin American and Caribbean Literature in Health Science), using the keywords of the search to find the articles.**RESULTS:** In this study the prevalence of self-medication was seen in the female public with 64%, aged over 60 years, followed by married people with 51.6%, with complete elementary school level 53.8%, with an income of up to three salaries minimum 46%. Analgesic / antipyretic drugs accounted for 50% of use, followed by 35% of non-steroidal anti-inflammatory drugs, 4% antibacterials for systemic use and 4% of anti-flu drugs. Among the factors of self-medication, old prescriptions represent 13% of medication purchases, followed by previous experience with the drug 12%, sale made at the pharmacy counter 12%, indication of the family 10% and among other causes.**CONCLUSIONS:** It was observed that the practice of self-medication in the Brazilian population had the influence of the following factors: prescription of old prescriptions, experience of using the medication and recommendations from clerks. Analgesic / antipyretic drugs, anti-inflammatory drugs NSAIDs and antibacterials for systemic use are the most used

Keywords: “self-medication and drugs”, “Self-medication and Adverse reactions”, “Factors and Self-medication” and “Pharmacotherapy and Self-medication”.

1 INTRODUÇÃO

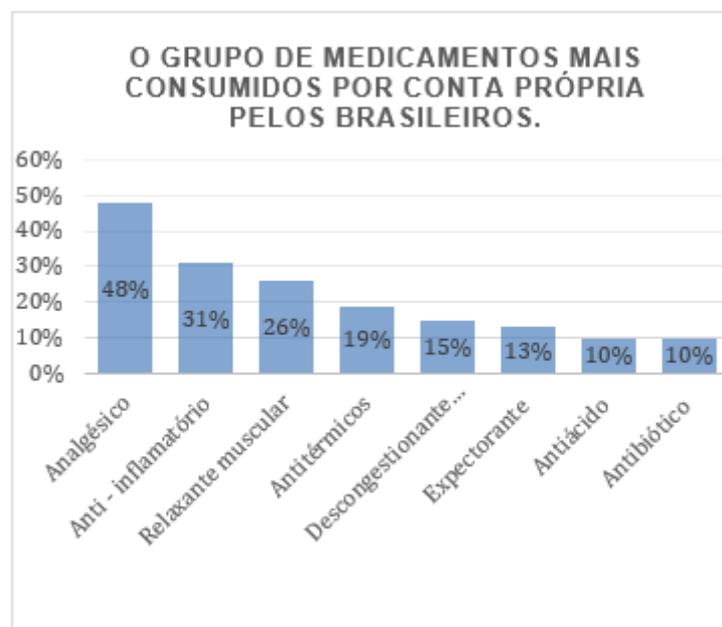
A Organização Mundial da Saúde (OMS) define automedicação como seleção ou uso de medicamentos para tratar doenças autodiagnosticadas, caracterizando como um conjunto de ações do autocuidado.

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) define a automedicação como a forma de utilizar ou sugerir um fármaco por sua própria experiência, sem a orientação de um profissional qualificado.

A automedicação exhibe potencial de risco nas interações medicamentosas, reações adversas, toxicidade, provocando um diagnóstico incorreto ou tardio, devido ao fármaco mascarar a patologia, resultando em uma resistência ao micro-organismo ou não resolução no quadro clínico dos pacientes (OLIVEIRA, 2018).

O Instituto de Ciência Tecnologia e Qualidade (ICTQ), realizou uma pesquisa sobre a automedicação no Brasil com 2.090 pessoas em 120 municípios brasileiros, de forma qualitativa, entre homens e mulheres, com idade a partir de 16 anos de forma individual. As entrevistas foram elaboradas em setembro de 2018, com informações do censo 2010 e 2018 através da fonte do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Constatou que em 2014, 76% da população brasileira automedicava-se, dados de 2016 variaram para 72%, aumentou para 79% em 2018. (ICTQ, 2018).

Neste estudo, entre os medicamentos mais utilizados na automedicação conforme a pesquisa do ICTQ, destaca-se o analgésico (Gráfico 1).



FONTE: ICTQ, 2018

A automedicação exige cuidados, por ser um potencial de risco nas interações medicamentosas, reações adversas, toxicidade, provocando um diagnóstico incorreto ou tardio, devido ao fármaco mascarar a patologia, resultando em uma resistência ao microrganismo. (OLIVEIRA, 2018).

Neste contexto, o desenvolvimento deste trabalho justifica-se pela automedicação na população brasileira.

Objetivo do estudo é verificar quais os medicamentos mais utilizados na automedicação e analisar quais os fatores que levam a automedicação indiscriminada.

2 MÉTODOS

Trata-se de uma revisão sistemática, seguindo os critérios preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses (Prisma). A coleta da pesquisa realizou-se de setembro de 2020 a 30 abril de 2021, compreendendo um período de quatro meses.

As palavras-chave encontradas foram influenciadas pelos objetivos do estudo, procuradas no acrônimo de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e posteriormente cruzadas para encontrar artigos específicos sobre o assunto abordado. Todas as palavras foram descritas em planilha para uma melhor visualização da pesquisa, com as seguintes palavras-chave:

Português: “automedicação e medicamentos”, “Automedicação e Brasil” “automedicação e reações Adversas”, “fatores e automedicação” e “farmacoterapia e automedicação”, separadas pelo operador booleano “E”.

Inglês: “Self-medication and medicines”, “Self-medication and Brazil”, “self-medication and Adverse reactions”, “factors and self-medication” and “pharmacotherapy and self-medication”, separadas pelo operador booleano “and”.

Os estudos foram pesquisados nas seguintes bases de dados: Scielo (Scientific Electronic Library Online), Pubmed (Biblioteca Nacional de Medicina), Lilacs (Literatura Latina – Americana e do Caribe em ciência da saúde), utilizando as palavras chaves da estratégia de busca para encontrar os artigos. Todos os resultados da pesquisa foram devidamente arquivados, possibilitando consultas futuras no gerenciador de referências Mendeley.

Foi realizada inicialmente a leitura dos títulos e resumos, identificados pela estratégia de busca e avaliados de forma independente por três revisoras. Na segunda triagem foram retirados estudos que não atendessem os critérios de inclusão e exclusão. Na fase final foi realizada a leitura completa para a elegibilidade dos artigos e foram selecionados os que abordavam os objetivos do estudo. Todas as diferenças foram resolvidas por consenso entre as autoras.

Foram selecionados artigo transversal, estudo analítico, estudo prospectivo, quantitativa e qualitativa, no período entre os anos de 2010 a 2020 nos idiomas inglês e português. Para a inclusão dos artigos foi considerado os mais relevantes aqueles que abordassem a automedicação.

Foram excluídos estudos que limitam a automedicação por qualquer doença, tratar a automedicação em criança, por não apresentar característica populacional, que não cite

o período de referências bibliográficas, pesquisas que não estejam com o idioma escolhido do critério de inclusão e artigos duplicados em mais de um banco de dados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram identificados nos bancos de dados: (n =67 PubMed), (n= 25) Lilacs e (n = 41) Scielo totalizando 133 artigos científicos, dessas publicações foram excluídos 9 estudos por duplicidades. Ficando para análise 124, no qual foram excluídos 11 por tratar a automedicação em crianças e 9 no idioma espanhol.

Após esta exclusão, restaram 104 artigos, no qual foram excluídos 34 por não apresentar características populacional e 25 por não estarem disponíveis nos bancos de dados gratuitamente. Permaneceram 45 artigos, lidos integralmente por três revisoras, no qual, foram excluídos 3 estudos por se tratar de estudo de revisão sistemática e 32 estudos relacionados à automedicação a outros países. Ao final foram selecionados 10 artigos.

O total escolhido foram 4 artigos PUBMED e 6 artigos SCIELO, com uma amostra de 37.653 pessoas. Os dez artigos selecionados são de diferentes estados: (n=1) Amazonas, (n=1) Distrito Federal, (n=1) Minas gerais, (n=1) Porto Alegre, (n=1) *Rio Grande do Sul*, (n=1) Sergipe e (n=4) São Paulo. Foram incluídos: (n=6) estudo transversal de base populacional, (n=1) estudo transversal, descritivo e analítico, (n=1) estudo observacional, (n=1) estudo de corte transversal, descritivo e (n=1) estudo analítico, transversal. A figura 1 apresenta o resumo da inclusão e exclusão de estudo.

Figura 1: Fluxograma de inclusão e excluídos, Brasil, Manaus, 2021

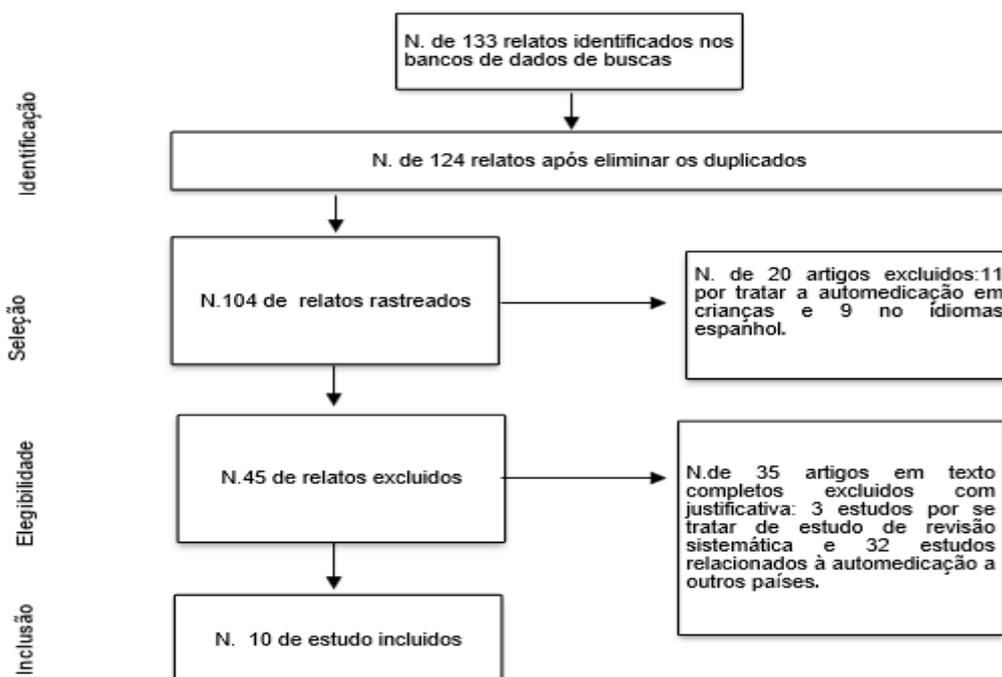


Tabela 1- Artigos selecionados por esta revisão, sobre automedicação na população Brasileira.

Autor/ Ano / Banco de dados	Tipo de estudo	Título	Conclusão
Gama; Secoli, 2020. SCIELO	Estudo transversal de base populacional	Práticas de automedicação em comunidades ribeirinhas na Amazônia brasileira.	A automedicação na população ribeirinha de Coari - Amazônia pode refletir a necessidade de buscar o autocuidado das pessoas, com o uso de medicamentos alopáticos sem receita, principalmente devido ao acesso restrito aos serviços de saúde.
Barros et al., 2019. PUBMED	Estudo observacional transversal	Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante.	A prática de automedicação analgésica é frequente entre os portadores de dor crônica, o que pode ser consequência da pouca prescrição de analgésicos mais potentes, como os opióides.
Matos et al., 2018. SCIELO	Estudo transversal	Uso de analgésicos e o risco da automedicação em amostra de população urbana: estudo transversal.	Reforçam a importância do acesso a consultas médicas e de ações de conscientização sobre o uso racional de medicamentos.
Santos; Nogueira; Oliveira, 2018. SCIELO	Estudo transversal, descritivo e analítico	Automedicação entre participantes de uma Universidade Aberta da Terceira Idade e fatores associados	Os idosos consideram-nos seguros e desconhecem os riscos a que os expõem. Também podem desconhecer que a dor tratada por automedicação pode estar relacionada a doenças pré-existentes, que requerem profissional e tratamento adequado.
Domingues et al., 2017. SCIELO	Estudo transversal de base populacional	Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos residentes no Distrito Federal, Brasil: um estudo transversal de base populacional.	A utilização de medicamentos para tratar ou aliviar sintomas que estão a prejudicar as suas atividades do dia-a-dia.
Pons et al., 2017. PUBMED	Estudo observacional	Fatores predisponentes para a prática da automedicação no Brasil: Resultados da Pesquisa Nacional de Acesso, Uso e Promoção do Uso Racional de Medicamentos (PNAUM).	A automedicação apresenta riscos e benefícios; no entanto, como indicam os dados, as pessoas em geral praticam a automedicação a partir de algum conhecimento sobre o medicamento em uso.
Martinez et al., 2014. PUBMED	Estudo de coorte transversal e descritivo.	Estudo da automedicação para dor musculoesquelética entre estudantes dos cursos de enfermagem e medicina da Pontifícia Universidade Católica - São Paulo.	A frequência de medicamentos para dor é maior no grupo de estudantes da área de saúde e a automedicação é praticada igualmente entre estudantes de saúde e outras áreas.

Silva; Soares; Baisch, 2012	Estudo transversal	Automedicação em universitários da cidade de Rio Grande, Brasil	A área de saúde está associada a um maior conhecimento sobre medicamentos, mas não com menos automedicação, sugere que o conhecimento sobre medicamentos pode contribuir para aumentar a automedicação.
Oliveira et al., 2012	Estudo transversal	Automedicação em idosos residentes em Campinas, São Paulo, Brasil: prevalência e fatores associados	Apontam que as apresentações não prescritas mais utilizadas neste segmento são medicamentos de venda livre.
Galato; Madalena; Pereira, 2012	Estudo transversal	Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação	A automedicação é bastante comum nesta população

Fonte: Elaborado pelas autoras, (2021).

Tabelas 2- Variáveis sociodemográficas dos pacientes que relataram automedicação

Sexo	N	%
Masculino	1040	36%
Feminino	1853	64%
Idade		
18 - 39	620	27%
40 - 59	229	10%
60>	1450	63%
Estado civil		
Solteiro	453	26,0%
Casado	898	51,6%
Viúvo	388	22,3%
Escolaridade		
Analfabeto	64	3,0%
Fundamental completo	1153	53,8%
Ensino Médio	752	35,1%
Graduação/ Pós-Graduação	176	8,2%
Classe social		
A	190	33%
B	234	41%
C	150	26%
D/E	46	8%
Categoria Funcional		
Estudante	371	22%
Servidor	22	1%
Autônomo	1015	59%
Empregado	305	18%
Renda Familiar		
< 1	620	34%
1 a 3	827	46%
3 >	367	20%

Fonte: Elaborado pelas autoras, (2021).

No presente estudo a prevalência da automedicação foi vista no público feminino com 64%, com idade acima de 60 anos, seguida por pessoas casadas com 51,6%, com

nível escolar fundamental completo 53,8%, possuindo renda de até três salários mínimos 46% (tabela1).

Dados semelhantes foram encontrados no estudo Santos; Nogueira; Oliveira, 2018 relata que o público feminino (61,6%) foram os mais acometidos a automedicação e a média de idade que fizeram o uso da automedicação variou de 56 a 84 anos.

As mulheres, por possuírem um perfil de autocuidado, tem uma percepção mais acentuada das doenças, obtendo uma predisposição maior para ser automedicar (OLIVEIRA et al., 2012; SILVA; SOARES; BAISCH, 2012; GALATO; MADALENA; PEREIRA, 2012; MARTINEZ et al., 2014; DOMINGUES et al., 2017; PONS et al., 2017; BARROS et al., 2019; MATOS et al., 2018; SANTOS; NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2018)

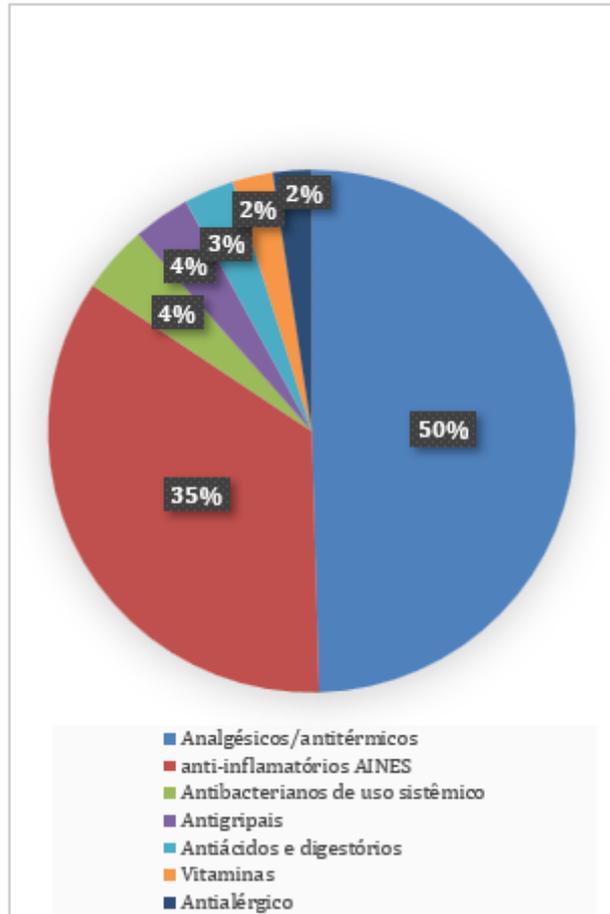
A população idosa brasileira está vivendo acima dos 60 anos e esses estão à procura de viver uma melhor qualidade de vida provocando nessa população o uso da automedicação (OLIVEIRA et al., 2012). A população estudada realizou o uso da automedicação entre sete (DOMINGUES et al., 2017) e quinze dias, (MATOS et al., 2018; GALATO; MADALENA; PEREIRA, 2012).

Constatou-se também que os principais sintomas que levaram a automedicação foram: dores musculares, dores articulares, gripes, resfriados, azia, cólica abdominal, diarreia e efeitos gastrointestinais (GAMA; SECOLI, 2019; SANTOS; NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2018; MATOS et al., 2018; DOMINGUES et al., 2017).

Esses resultados são distintos ao estudo descritivo, transversal, incluindo 789 participantes, avaliou-se que as causas do uso da automedicação foram por: (89,7%) dor de cabeça, (82,9%) rinofaringite, (58,1%) dor de garganta, (56,2%) febre, (47,6%) dismenorreia, (41,0%) dores musculares, (36,4%) tosse, (29,4%) azia, (27,1%) efeitos gastrointestinais, (26,4%) enjoou, (22,3%) vômitos, (21,2%) alergia e (14%) cólica intestinal (SILVA; SOARES; BAISCH, 2012).

No presente estudo, os medicamentos analgésicos/ antitérmicos representaram 50% do uso, seguida por 35% de anti-inflamatórios não esteroidais, 4% antibacterianos de uso sistêmico, 4% antigripais e outros medicamentos (Gráfico 1).

Gráfico 1: Medicamentos mais utilizados para automedicação



Fonte: Elaborado pelas autoras, (2021).

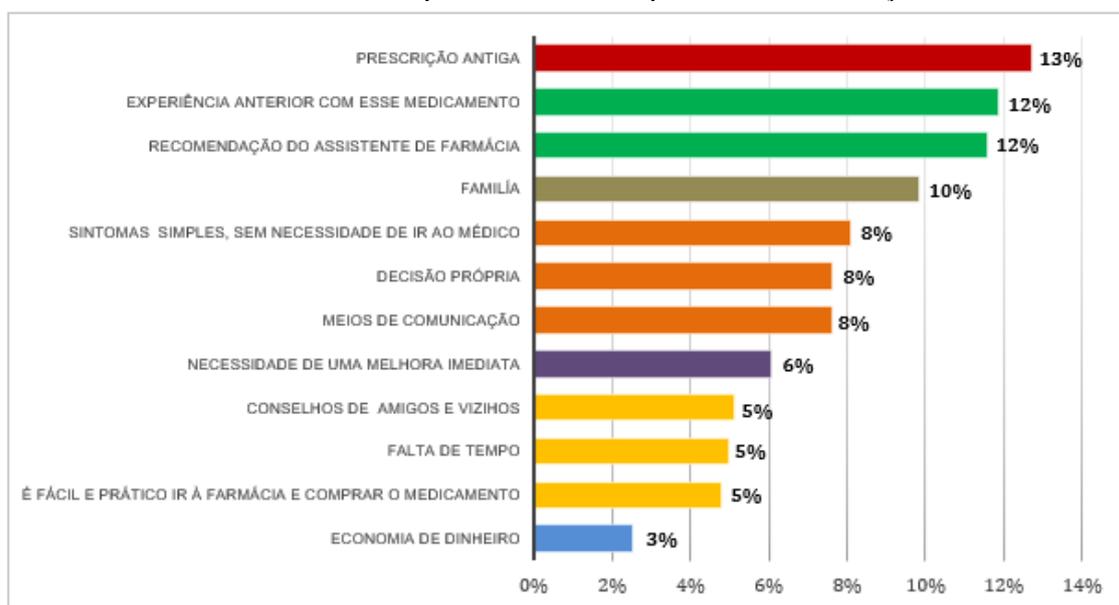
Estando em conformidade com outros estudos no qual os analgésicos/ antitérmicos foram os medicamentos mais utilizados (MARTINEZ et al., 2012; OLIVEIRA et al., 2012; DOMINGUES et al., 2017; MATOS et al., 2018; SANTOS; NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2018; GAMA: SECOLI, 2019; BARROS et al., 2019). A facilidade do acesso ao medicamento isento de prescrição (MIP's), torna mais fácil a sua comercialização, podendo ser encontrados em prateleiras de drogarias e farmácias (GAMA: SECOLI, 2019).

A utilização dos medicamentos analgésicos/ antitérmicos foram de praticidade mais comum na população de casos leves (BARROS et al., 2019), utilizados principalmente para o alívio da dor (MATOS et al., 2018). Além disso, o uso de medicamentos AINES como paracetamol e combinações (DOMINGUES et al., 2016) foram frequentemente usados como relaxantes musculares (BARROS et al., 2019). Assim como, em outro estudo, os antiinflamatórios não esteroidais como AAS, diclofenaco, ibuprofeno, dipirona, foram os mais utilizados para dores (GAMA: SECOLI, 2019).

Os analgésicos/antitérmicos e os AINEs agem inibindo as enzimas ciclo-oxigenases (COX) que são responsáveis por realizar a síntese ácido araquidônico e prostaglandinas, promovendo através desse bloqueio a analgesia, ativação de mediadores inflamatórios e controle da febre (MARTINEZ et al.,2014).

No presente estudo, os principais fatores para automedicação, foi realizado através da prescrição antiga 13%, seguida de experiência anterior com o medicamento 12%, venda realizada no balcão da farmácia 12%, indicação da família 10% e entre outros (Gráfico 2).

Gráfico 2: Fatores que influenciaram na prática da automedicação



Fonte: Elaborado pelas autoras, (2021).

Em um estudo com 1.515 participantes, 91,1% se automedicou por prescrição antiga realizada por médicos ou dentistas (OLIVEIRA et al.,2012). Esse fator requer mais atenção, pois, para o uso seguro o receituário tem que está prescrito como de uso contínuo (MATOS et al., 2018).

Em outro estudo, a experiência anterior com o medicamento utilizado, apresentou um resultado positivo no seu tratamento, facilitando a prática da automedicação (PONS et al., 2017). No qual, 51,9% não sabiam dos riscos que os medicamentos poderiam causar em seu uso (MATOS et al.,2018).

Gama e Secoli relata em seu estudo que em lugares de difícil acesso os medicamentos antibióticos podem ser dispensados sem receituário médico, por não haver um controle e fiscalização dos órgãos competentes, mas ressalta em sua pesquisa

que os farmacêuticos e balconista indicaram MIPs para os seus clientes (GAMA; SECOLI, 2020).

Os principais fatores de indicação do uso da automedicação entre amigos vizinhos e familiares foi motivado pela certeza que o medicamento é seguro (SANTOS; NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2018). Além disso, o aconselhamento com amigos e parentes torna-se mais fácil devido aos desafios encontrados no atendimento médico (SILVA; SOARES; BAISCH, 2012).

Em outro estudo, Matos e colaboradores relatam que no ponto de vista científico os entrevistados não consideravam seguros as propagandas, no entanto, 45,2% realizava a prática da automedicação por influência dos meios de comunicações (MATOS et al., 2018). Outros fatores também foram relevantes para a automedicação na população brasileira, presença de sintomas simples, sendo desnecessário ir ao médico (MATOS et al., 2018); dificuldade de acesso ao sistema único de saúde (DOMIGUES et al., 2017). Desta forma, a presença de dor faz com que o indivíduo pratique a automedicação para um alívio imediato (BARROS et al., 2019), pois a facilidade de acesso a drogarias e farmácias, faz com que o usuário pratique a automedicação e evite a ida ao médico (SANTOS; NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2018).

Oliveira et al., 2012 relatam a necessidade de campanhas educativas com promoção, prevenção e esclarecimento sobre o risco de toxicidades, reações adversas ao uso dos medicamentos, na prática da automedicação para prevenir danos à saúde dos usuários (OLIVEIRA et al., 2012).

4 CONCLUSÃO

Observou-se através das informações obtidas nesta revisão que a prática da automedicação na população brasileira foi influenciada principalmente pelos seguintes fatores: prescrição de receituários antigos, experiência do uso de medicamento e recomendações dos balconistas. Os medicamentos analgésicos/antitérmico, anti-inflamatórios AINES e antibacterianos de uso sistêmico são os mais utilizados. Considerando que essa prática pode ocasionar danos à saúde como intoxicação, interações medicamentosas e reações adversas, fica em evidência a importância do profissional farmacêutico na promoção e prevenção do uso racional do medicamento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar saúde e coragem para vencer mais essa etapa da minha vida. Ao meu esposo Francisco Pereira de Oliveira que foi o meu maior incentivador, sempre me apoiando para que eu não desistisse da minha formação, a minha amiga Isabel Cristina M. Izel pelo seu apoio. A professora Dra. Anne Cristine Gomes pelas orientações e apoio a realização desse trabalho.

Francisca das Chagas G. Ferreira

Meu agradecimento a Deus, por todos os obstáculos, pelas dificuldades e me ajudou até aqui. Aos meus pais, Luiz Alves de Luna (em memória) e Maria Alves Gomes de Luna (em memória) que foi a base de tudo do meu existir e persistir por eles essa graduação. Ao meu esposo, Anderson Brandão, toda a paciência e incentivo dado ao longo dos dias, incansáveis. Aos meus filhos Marcos Luiz, Luana Emanuelle, João Batista, aos meus netos, dedico essa minha grande Vitória, que foi por vocês essa conquista. A toda minha família, a minha grande amiga Isabel M. Izel e a todos professores que tive ao longo do curso que foram muito importante na minha formação.

Graziela Gomes de Luna

Primeiramente a Deus por ter me dado forças e guiado meu caminho para poder concluir mais uma etapa da minha vida. Ao meu esposo Emir Cavalcanti Izel, pelo apoio, incentivo e seu amor demonstrado diariamente. A minha família, por todo amor e dedicação que tiveram sempre comigo e pelos quais tenho maior orgulho. A minha mãe Domingas A. Guedes Marizeiro e meu pai José Tavares de Campos que estiveram ao meu lado, me apoiando e me direcionando no caminho da educação. Agradeço as minhas amigas, Francisca Gomes e Graziela Luna, pela parceria e conquista desse trabalho. À minha orientadora, professora Dra. Anne Cristine Gomes de Almeida obrigado pela dedicação e ensinamentos dispensados no auxílio da concretização deste trabalho.

Isabel Cristina M. Izel

REFERÊNCIAS

BARROS, Morreira et al. Uso de analgésicos e o risco da automedicação em amostra de população urbana: estudo transversal. Departamento de Saúde Pública, Batucatu, sp, Brasil, p. 1-8, 30 nov. 2019. Acesso em: 8 mar. 2021.

Brasil. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Gerência de Monitoramento e Fiscalização de Propaganda, de Publicidade, de Promoção e de Informação de Produtos Sujeitos a Vigilância Sanitária - GPROP Projeto educação e promoção da saúde no contexto escolar: o contributo da Agência Nacional de Vigilância Sanitária para o uso racional de medicamentos. Caderno do professor/ Agência Nacional de Vigilância Sanitária. – Brasília: Anvisa, 2007. Acesso em: 08 Set. 2020.

DOMIGUES, Paulo Henrique et al. Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional*. Epidemiol. Serv. Saude, Brasília, – Faculdade de Medicina, Universidade de Brasília, ano 2016, p. 1-12, 24 nov. 2017. Acesso em: 10 fev. 2021.

GAMA, Abel; SECOLI, Silvia. Práticas de automedicação em comunidades ribeirinhas na Amazônia brasileira. Rev Bras Enferm, São Paulo, Brasil., ano 2019, p. 1-9, 17 dez. 2019. Acesso em: 10 mar. 2021.

GALATO, Dayani; MADALENA, Jaqueline; PEREIRA, Greicy. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. Ciência & Saúde Coletiva, [s. l.], p. 1-8, 21 mar. 2012. Acesso em: 14 abr. 2021.

ICTQ, Instituto de ciência, tecnologia e qualidade. Automedicação: farmacêutico, a culpa não é sua, entenda por que. Instituto de ciência, tecnologia e qualidade, [s. l.], p. 1-1, 09 Jan. 2020. Disponível em: <https://www.ictq.com.br/pesquisa-do-ictq/871-pesquisa-automedicacao-no-brasil-2018>. Acesso em: 22 set. 2020.

ICTQ, Instituto de ciência, tecnologia e qualidade. PESQUISA – AUTOMEDICAÇÃO NO BRASIL (2018). Instituto de ciência, tecnologia e qualidade, [s. l.], p. 1-1, 2018. Disponível em: <https://www.ictq.com.br/pesquisa-do-ictq/871-pesquisa-automedicacao-no-brasil-2018>. Acesso em: 22 set. 2020.

MATOS, Fonseca et al. Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. Cadernos Saúde Coletiva, Ouro Preto (MG), Brasil., ano 2018, n. 1-8, p. 1-8, 2018. Acesso em: 11 mar. 2021.

MARTINEZ, José Eduardo et al. Estudo da automedicação para dor musculoesquelética entre estudantes dos cursos de enfermagem e medicina da Pontifícia Universidade Católica - São Paulo. REV BRAS REUMATOL, Sorocaba, SP, Brasil, ano 2013, p. 1-5, 26 ago. 2014. Acesso em: 4 fev. 2021.

Oliveira SB, Barroso SC, Bicalho MA, Reis AM. Perfil de medicamentos utilizados por automedicação por idosos atendidos em centro de referência. einstein (São Paulo). 2018;16(4):eAO4372. http://dx.doi.org/10.31744/einstein_journal/2018AO4372.

OLIVEIRA, Marcelo Antunes et al. Automedicação em idosos residentes em Campinas, São Paulo, Brasil: prevalência e fatores associados. ARTICLE, Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, ano 2012, p. 1-7, 2012. Acesso em: 3 ago. 2021.

OMS. The role of the pharmacist in self – care and self- medication. Disponível em http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/65860/WHO_DAP_98.13.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 20 Out. 2020.

PONS, Emilia et al. Fatores predisponentes para a prática da automedicação no Brasil: Resultados da Pesquisa Nacional de Acesso, Uso e Promoção do Uso Racional de Medicamentos (PNAUM). PLOS ONE, Porto Alegre, RioGrande do Sul, Brasil, ano 2017, p. 1-12, 8 dez. 2017. Acesso em: 10 mar. 2021.

SANTOS, Adriana Nancy Medeiros dos; NOGUEIRA, Dulcinéia Rebecca Cappelletti; BORJA-OLIVEIRA, Caroline Ribeiro de. Automedicação em participantes de uma Universidade Aberta à Terceira Idade e fatores associados. Rev. bras. geriatr. gerontol. , Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, pág. 419-427, agosto de 2018. Acesso em: 10 fev. 2021.

SILVA, Marília; SOARES, Maria; BAISCH, Ana Luiza. Automedicação em universitários da cidade de Rio Grande, Brasil. BMC Public Health, [s. l.], ano 2012, p. 1-7, 8 maio 2012. Acesso em: 13 abr. 2021.